

Retiro com la Comunitat de Jesús. 22 janeiro 2022

Para começar, quero compartilhar com vocês como foi minha experiência ao voltar da Guatemala há pouco mais de 10 anos.

Na primeira entrevista com o bispo renunciei ao ministério paroquial e optei por continuar no ministério missionário, extrovertido, tentando abrir caminho em um ambiente desconhecido mesmo sendo a minha cidade. Juntei-me a uma comunidade cristã de base que conhecia bem há muitos anos e me comprometi a fazer voluntariado com duas ONGs, o que me permitiu entrar em contato com pessoas de ambientes e realidades muito diferentes e desconhecidas para mim na vida da minha cidade. Isso me levou a duas realidades que atualmente vitalizam minha vida como cidadã, minha fé em Jesus e meu compromisso com o Reino: 1) Minha família se expandiu. Compartilho uma casa, mesa, alegrias, dificuldades, dificuldades e projetos com uma família senegalesa composta por um casal e três filhos de 16, 4 e 1 ano e meio e que deixou no Senegal outros dois filhos de 14 e 12 anos . Também compartilhamos a fé e a confiança em Deus que eles chamam de Alá e eu, simplesmente, Pai. Um grande presente inesperado para mim. E 2) Minha opção pelos pobres se materializou neste momento com a preocupação e relação com os migrantes, seu mundo, seus rostos, suas histórias, seus sonhos, sua via-sacra... o que me levou a me comprometer com o Círculo de Silêncio.



A partir daí, a partir desta experiência é que me proponho compartilhar com vocês esta reflexão que faço a partir da minha condição de crente em Jesus de Nazaré, meu compromisso com a causa dos migrantes e refugiados e meu esforço diário para responder aos chamados que Deus está fazendo de mim as pessoas com quem encontro e interajo todos os dias em casa e no ambiente em que me desloco.

Farei isso com o esboço da revisão de vida: Ver, Julgar e Agir. Não pretendo tanto informá-los de uma realidade que, sem dúvida, vocês conhecem, mas sim perguntar-nos o que Deus está nos dizendo através desta realidade de migrantes e requerentes de asilo neste momento específico em que vivemos.

É assim que me conecto com o trabalho programado da comunidade para este curso: A pessoa como ser social: o eu relacional. A relação com os outros e a nossa responsabilidade social.

Título: PESSOAS MIGRANTES: Kairós e desafio à nossa fé no evangelho do Reino.

Primeira parte VER Do que estamos falando?

1. Falamos de um povo em êxodo.

As migrações humanas são um fenômeno tão antigo quanto a humanidade. A humanidade como a conhecemos hoje não existiria se o homem não tivesse se movido, se não tivesse buscado constantemente melhores condições de vida. Ao migrar, o ser humano aprimorou uma de suas características mais importantes para garantir a subsistência: a capacidade de se locomover e se adaptar.

Apesar disso, a migração é atualmente um dos temas mais controversos do debate político em todo o mundo. Segundo estimativas das Nações Unidas, o número de migrantes internacionais em todo o mundo aumentou consideravelmente nos últimos vinte anos, chegando a 281 milhões de pessoas em 2020. Mais de 84 milhões são pessoas que foram forçadas a deixar suas casas para salvar suas vidas. (Refugiados) . Se pudéssemos reuni-los em um único espaço geográfico, seria o quinto país mais populoso do planeta. Um povo formado por pessoas de todas as raças, línguas, cores, origens e, em sua maioria, pobres. Por isso falo de “povo em êxodo, migrante”.



2.- Este povo não se move por prazer, por turismo, pelo prazer de ver o mundo... mas na maioria das vezes por necessidade. Ele foge para salvar sua vida. É um povo derrotado, sufocado, empobrecido, crucificado, mas não derrotado, mas resiliente.

As causas da migração são muito diferentes: econômicas, políticas, sociais ou ecológicas. Mas a causa fundamental do aumento constante de migrantes e que está na raiz de muitas outras causas é o modelo econômico em que vivemos, o sistema capitalista neoliberal, imposto globalmente. Sistema radicalmente injusto, predatório, que, como diz o FT.n.22 “não hesita em explorar, descartar e até matar o homem” e que levou a humanidade a uma desigualdade extrema, escandalosamente desumana. “Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte, a maior, vê sua própria dignidade desconhecida, desprezada ou pisoteada e seus direitos fundamentais ignorados ou violados”

Enquanto este sistema económico e esta desigualdade continuarem a alastrar e aprofundar, como é o caso, o fenómeno migratório aumentará porque a pobreza e a violência não são fruto do acaso, mas sim consequência do egoísmo e ambição de uma minoria.

3.- Estamos falando de um povo empobrecido pela globalização neoliberal e pelas políticas neocoloniais que chegam às nossas fronteiras, às nossas portas, procurando pão, paz e uma vida digna.

O Papa Francisco aponta para esta causa quando no EG nº 53 nos fala sobre a economia da exclusão: “Hoje temos que dizer ‘NÃO à economia da exclusão e da desigualdade’. Essa economia mata... Hoje tudo cai no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde os poderosos comem os mais fracos. Grandes massas da população são excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem horizontes, sem saída. O ser humano em si é considerado um bem de consumo que pode ser usado e depois jogado fora. Iniciamos a cultura do descarte, que também é promovida. Não se trata mais simplesmente do fenómeno da exploração e da opressão, mas de algo novo: com a exclusão, o pertencimento à sociedade em que se vive é afetado em suas raízes, já que não se está mais lá embaixo, mas você está fora. Os excluídos não são explorados, mas sobras de resíduos.

Diante da realidade da população migrante, os países desenvolvidos se entrincheiram para se defender daqueles que classificam e tratam como invasores. As políticas migratórias da UE e da Espanha, em particular, veem esse fenómeno migratório como um problema de segurança e defesa. Seu único objetivo é controlar e defender suas fronteiras para impedir, por todos os meios, a entrada de migrantes, mesmo que isso custe investir 10 bilhões em sua política de segurança fronteiriça e violar sistematicamente os direitos humanos fundamentais e os tratados internacionais que são cinicamente presumido.

Não se comovem com os milhares de mortos nas rotas migratórias, especialmente no Mediterrâneo, que parece usá-los a seu favor como dissuasor, para que outros possam punir os outros. Segundo o “Walking Borders”, durante o ano de 2021, 4.404 (600 mulheres e 205 crianças) morreram ou desapareceram no mar tentando chegar às costas espanholas. 103% a mais que em 2020. Média de 12 mortes por dia. A grande maioria na rota das Canárias com 4.016 pessoas mortas ou desaparecidas. E no Mediterrâneo Central, pelo menos 1.700 pessoas morreram ou desapareceram. (OIM)



4.- Estamos falando de um povo empobrecido, em êxodo para o que consideram ser a “Terra Prometida” e que se depara com sistemas de segurança muito sofisticados e o sinal de que você não é bem-vindo! Nenhuma entrada se você é pobre!

Depois de enfrentar milhares de perigos de todo tipo, atravessando desertos e fronteiras, sofrendo de fome e sede, submetidos a chantagens, abusos, humilhações, trabalhos degradantes e em condições de escravidão em uma jornada que dura meses e anos, chegam à Espanha, Europa sonhado, "desconhecido", mas idealizado. E eles se deparam com uma realidade inesperada: a Fortaleza Europa que os vê como inimigos perigosos, invasores, criminosos e intrusos. A UE, que abençoa a livre circulação de capitais e produtos e cujas empresas transnacionais entram, exploram e traficam matérias-primas dos países que enviam migrantes, não está disposta a permitir a livre circulação de pessoas.

5.-Por isso falamos de um povo rejeitado. A UE tem políticas conservadoras e leis de imigração repressivas, focadas em um único objetivo: impedir que entrem e que são especificadas em três verbos e três políticas:



A. FORTALECER AS FRONTEIRAS, erguendo muros e cercas e terceirizando o controle de fronteiras mediante pagamento a terceiros países-ponte e condicionando a ajuda ao desenvolvimento à sua colaboração fiel na contenção da emigração dos países de origem.

B. CRIMINALIZAR os migrantes e aqueles que os defendem. Para isso, a) levanta muros psicológicos carregados de preconceitos e estereótipos que separam e aprofundam a distância entre nós e eles, dos quais temos que nos defender e b) levanta barreiras legais por meio de leis de imigração projetadas e destinadas a dificultar muito vida a quem conseguir entrar ilegalmente, como dissuasor. Legalizam práticas que violam os direitos humanos fundamentais e impõem duras condições para obter “documentos”, o direito de trabalhar e ser alguém nesta sociedade, de asilo e de obter o status de refugiado.

C. EXPLORAÇÃO TRABALHISTA DA POPULAÇÃO MIGRANTE. Ao invés de facilitar a regularização de pessoas sem carteira para trabalhar legalmente, elas são mantidas como irregulares, o que favorece sua vulnerabilidade e superexploração em empregos que ninguém quer, mal remunerados e com condições de trabalho quase escravagistas.

Segunda Parte: JUIZ O que está em jogo?

Somos um grupo de pessoas que acreditam no Deus de Jesus, um Deus que nos ama e porque nos ama, vive em nós e conosco, nos acompanha e se comunica conosco, nos fala, nos envia mensageiros, nos envia sinais. O Concílio Vaticano II já nos diz que o Espírito de Deus se move, age e fala conosco nos acontecimentos da vida, tanto na nossa história pessoal como na da humanidade e do mundo, nos sinais dos tempos. Portanto, não podemos evitar a pergunta: O que Deus quer nos dizer em tudo isso? Qual é a sua vontade?

1.- O fenômeno migratório, sinal dos tempos e lugar teológico, do encontro com Deus.



Diante dos milhões de migrantes de hoje, não podemos deixar de nos sentir desafiados por duas perguntas: 1) Com o Apocalipse nos perguntamos: essa grande multidão de todas as nações, raças, línguas, culturas, religiões... busca de uma vida melhor e caminhando por terra, mar e ar em direção aos países do "norte global" até bater às nossas portas, ... quem são e de onde vêm? ... E a resposta que dão cabe perfeitamente ao vidente: "Estes são os que vêm da grande tribulação, que lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro". Poderíamos dizer outra coisa: é o mesmo Cordeiro imolado que vem à frente com eles e que, plenamente identificado com eles, exige o nosso acolhimento compassivo e fraterno. Não é exagero: Mateus 25: "Tive fome e você me alimentou... Eu era estrangeiro e você me acolheu..."...

E 2) por mais que queiramos evitar, somos sempre assombrados pela eterna e insistente pergunta de Deus a Caim: "Onde está seu irmão?" E nesta ocasião não é justo responder à maneira de Caim: "Não sei, é minha obrigação cuidar dele? E a acusação muito direta de Deus: Por que você fez isso? O sangue de teu irmão que derramaste sobre a terra clama a mim para que faça justiça" Gn. 4, 9-10). É difícil dizer, não somos inocentes, nossas mãos estão manchadas de sangue. Somos culpados e corresponsáveis pelo pecado estrutural e coletivo deste mundo injusto. Nosso bem-estar tem muito a ver com a vida ruim deles. É uma constante transversal na Bíblia: O clamor do sangue dos inocentes sempre chega aos ouvidos e encontra eco no coração de Deus e terá consequências. O sangue dos gritos inocentes. O amor de Deus é universal, mas também parcial em favor dos pobres.

2.- Os migrantes são um verdadeiro Kairós

Para mim, este povo migrante, marchando por todos os caminhos do planeta, é um tempo de graça, um Kairós em que o próprio Deus se aproxima de nós, nos

visita. São um lugar teológico onde o próprio Jesus vem ao nosso encontro e nos convoca na pessoa dos migrantes, refugiados e ninguém da terra, exigindo de nós justiça, empatia, solidariedade e amor compassivo. Nós crentes não podemos ter medo, como aqueles que não têm esperança. É um Kairós, a passagem do Senhor pela nossa vida pessoal, eclesial e sócio-política, uma oportunidade de salvação, que se exprime como um despertar, um apelo à conversão para este mundo desigual e fratricida, mas amado por Deus até a morte, loucura. Deus vem com eles, os pobres, nos ama e nos chama deles para nos submetermos a um julgamento de cura para discernir o que é trigo do que é joio em nosso estilo de vida. Ele não vem para deixar as coisas como estão, mas para nos ajudar a orientar nossa história atual para os valores do Reino de Deus.



3.- Os migrantes encarnam um desafio profético.

Neste tempo pós-moderno, os países desenvolvidos e “ricos” nos montaram com o mesmo conceito de verdade e, claro, nos orgulhamos de ter posto fim às velhas utopias. Estamos de volta de tudo. Perdemos a capacidade de sonhar e matamos a esperança, que é precisamente a fonte e o segredo da verdadeira alegria. Só aspiramos ter mais para consumir mais, mas não ser diferentes.

E nós, ainda somos capazes de sonhar? O Papa Francisco não perde a oportunidade de nos convidar a sonhar, a recuperar o sentido profundo da vida em nível pessoal, como Igreja e como humanidade.

Acho que em nossa atitude e nossa resposta aos migrantes e refugiados estamos arriscando nossa condição de crentes em Jesus de Nazaré, o sentido profundo de nosso compromisso cristão a serviço do Reino de Deus e nossa credibilidade como Igreja Católica.

O povo migrante, além de encarnar em seu caminho de cruz as dores e a condenação injusta do Servo de Yahweh, também encarna no mundo de hoje a

missão de todos os profetas enviados por Deus: a. denunciar o pecado e o mal pessoal e estrutural; b. anunciar a utopia de um mundo mais justo, reconciliado e novo e c. semear e mobilizar a esperança.

Estou convencido de que os migrantes, em sua pobreza, vulnerabilidade e resiliência, são portadores de grandes valores humanos, culturais e espirituais que podem nos ajudar a redescobrir a utopia, a esperança e o caminho para um mundo mais justo, mais humano e mais fraterno. Com eles vem o chamado de Deus para sair de nossas zonas de conforto e conformismo e resgatar velhos sonhos e esperanças e nos colocar no caminho de uma mudança necessária e urgente em nossa vida pessoal, social, política e religiosa. Poderíamos concretizar esses desafios proféticos que vêm dos migrantes nesses princípios utópicos que devem nos mobilizar e humanizar:

3.1.- “Nenhum ser humano é ilegal”. Somos um mundo. Diante de nossa concepção nacionalista, individualista, fragmentada do mundo e da humanidade, onde as fronteiras marcam a diferença entre nós e eles, os migrantes nos anunciam a utopia de uma outra concepção do ser humano e do mundo: um mundo sem fronteiras que é a terra e a pátria de todos, sem muros nem barreiras, intercultural, multirracial, multilingue, inter-religiosa, inclusiva... casa comum da humanidade.



3.2.- O outro é uma pessoa, um ser humano como eu. Somos uma humanidade. Uma categoria fundamental, vinda da África, muito mais pobre do que nós, mas mais rica em solidariedade, é muito inspiradora. Esta categoria é expressa pela palavra Ubuntu, que significa: “eu sou nós” ou “eu sou apenas eu através de você” que é um reconhecimento de que “o outro” é essencial para que eu exista como humano e civilizado. Os migrantes exigem de nós e exigem um mundo que reconheça a igual dignidade de todos e de todos e a riqueza que legitima as diferenças de raça, sexo, cor, cultura, religião, país de origem... e que coloque a dignidade da pessoa humana no centro. Os migrantes tiram as máscaras de defensores dos direitos humanos que presumimos e trazem à luz nossa verdadeira face, muito parecida com a de Caim.

3.3.- O outro é meu irmão. Somos uma grande família humana. Os migrantes anunciam-nos o valor da fraternidade universal, a utopia da humanidade como uma grande família, um mundo unido e fraterno que encontra a paz no sentido comunitário da vida, no encontro enriquecedor dos diversos povos e culturas, na ajuda mútua, na o amor fez empatia, compaixão e acolhimento fraterno especialmente para as pessoas mais vulneráveis. E, ao mesmo tempo,

denunciam as leis de imigração injustas e racistas que discriminam, excluem, criminalizam e causam a morte de pessoas inocentes.

3.4.- A outra é a carne de Cristo (Papa Francisco). Somos todos membros do corpo de Cristo, diversos, mas unidos pelo mesmo Espírito de Vida. Os migrantes lembram a nós que somos Igreja de Jesus nossa condição de povo



itinerante, “de saída” para todas as estradas do mundo, com bagagem leve, pobre e para os pobres, cuidador da vida, hospital de campanha, mãe e professora enxugando lágrimas, lavando pés doloridos e uma comunidade samaritana que se aproxima dos feridos que encontra nas estradas da Galiléia global, que defende a vida dos

pobres contra os servidores do Dinheiro e do Poder. E denunciam o medo e a instalação da igreja de Jesus trancada no "mundo distante, paralelo e asséptico" de nossos templos e nossos cultos, sua fixação no passado, em um dogma e moral estagnados e sua falta de fé no evangelho do Reino de Deus que ele prega.

Parte Três: AGIR O que podemos fazer?

O Papa Francisco na sua Encíclica "Fratelli Tutti" teve a coragem de apresentar a parábola do Bom Samaritano como um roteiro para a humanidade encontrar caminhos para a fraternidade universal, uma fraternidade aberta, "que ultrapasse as barreiras da geografia e do espaço e permita que cada pessoa a ser reconhecida, valorizada e amada além da proximidade física, além do universo onde nasceu ou onde vive" (n. 1). Diante dos migrantes saqueados, espancados, feridos e deixados semimortos pelos caminhos da história, só há duas posições: a indiferença, a passagem ou a parada. E, infelizmente, parece que o que o Papa Francisco chama de globalização da indiferença e a cultura do descarte está crescendo no mundo. Na Europa e na Espanha e em todo o mundo há muitas pessoas, crentes e não crentes, cristãos e não cristãos, comunidades, grupos, associações, ONGs envolvidas e empenhadas em salvar vidas, curar feridas, acolher, acompanhar e servir os migrantes que encontram pelo caminho, além de defender seus direitos e denunciar as violações de sua dignidade como pessoas. Estou certo de que as pessoas que estão aqui pertencem a esse amplo e solidário grupo de pessoas que sonham com um mundo fraterno e já estamos trabalhando, cada um no que pode, neste serviço samaritano aos imigrantes e refugiados, promovendo essa outra globalização de compaixão.



O Papa Francisco em diversos documentos e em diversas ocasiões não se cansa de nos lembrar os quatro verbos que devem guiar nossa ação e nosso compromisso com nossos irmãos imigrantes.

Pretendo apenas recordar os quatro verbos que o Papa Francisco nos sugere e que, por si só, são um programa de ação para aprofundar, iluminar e realizar cada um segundo suas capacidades e possibilidades: acolher, proteger, promover e integrar. Cada um destes verbos comporta, por um lado, um amplo leque de possibilidades solidárias e, por outro, ressonâncias, referências e luzes muito queridas e concretas para nós que seguimos Jesus, ajudados pelo testemunho de Carlos de Foucauld.

Atrevo-me a acrescentar outro verbo que considero muito necessário e que vai além da ajuda humanitária. quero dizer defender. Pode ser incluído no Protect, mas quando vemos e ouvimos o discurso de ódio, rejeição, xenofobia... pregado pelos partidos de extrema direita e por muitas pessoas em nossas igrejas crescer e se espalhar entre as pessoas comuns, acho que não podemos calar-se, não temos o direito de engolir e passar sem reagir a sentimentos tão contrários ao que vimos, ouvimos e aprendemos na Pessoa de Jesus.



Dom Santiago Agrelo *“Como cristãos somos chamados a um amor sem fronteiras e sem limites, sinal e testemunho de que podemos ir além dos muros do egoísmo e dos interesses pessoais e nacionais; além do poder do dinheiro que*

muitas vezes decide as causas dos povos; além das cercas das ideologias, que dividem e amplificam o ódio; além de todas as barreiras históricas e culturais e, acima de tudo, além da indiferença”.

Animado por Jesus e pelo testemunho do irmão Carlos, compartilho convosco, finalmente, três apelos que me guiam pessoalmente neste momento e mantêm em tensão a minha fé em Jesus de Nazaré e o meu compromisso com o Evangelho do Reino. Eu os proponho a você caso eles o ajudem em sua comunidade compartilhando agora ou sua reflexão pessoal em outro momento:

- 1) **Vivo com alegria a grandeza de ser pequeno?**
- 2) **Vivo fielmente a grandeza dos “pequenos”?**
- 3) **Vivo e apoio com esperança a grandeza dos “pequenos”?**



São três valores muito evangélicos e muito foucaultianos, que todos temos vindo a aprofundar e trabalhar há muitos anos, que nos fazem viver com gratidão, caminhar na humildade e na fraternidade e levar amor e esperança a esta sociedade e a esta Igreja da nossa pequena Nazaré .

Antonio SICILIA VELASCO, fraternidade sacerdotal
Iesus Caritas

